

TEOLOGIA IMAGINATIVA: O *PECCATUM ADAE* EM O *REGRESSO DO PEREGRINO*, DE C. S. LEWIS

Flaviano Nogueira Siedeliske¹³

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise teológico-literária da obra *O Regresso do Peregrino* (1933), de C. S. Lewis, a partir da linha de pensamento conhecida como Teologia Imaginativa. O objetivo do trabalho é analisar a alegoria que C. S. Lewis apresenta da Doutrina da Queda na obra acima citada. Em determinado momento do enredo, a personagem Mãe Kirk conta a origem de um desfiladeiro presente em seu mundo que é conhecido como *Peccatum Adae*, “o pecado de Adão”. A partir da história de origem oferecida pela personagem, o leitor encontra uma clara referência à narrativa da Queda, descrita no terceiro capítulo do livro de Gênesis. Assim, este trabalho se encarrega de demonstrar e analisar as aproximações e distanciamentos em ambos os casos. A partir de tal estudo, pôde-se concluir que: 1) a Teologia Imaginativa é uma metodologia válida para o ensino lúdico das Escrituras; e 2) C. S. Lewis se utiliza de tal recurso para enriquecer a mitologia por trás de sua obra.

Palavras-chave: Teologia; Literatura; C. S. Lewis; Queda.

INTRODUÇÃO

C. S. Lewis (1898-1963), além de *As crônicas de Nárnia*, é autor de diversas obras literárias, técnicas e teológicas. Sua fé em Deus era tão latente que até mesmo suas obras literárias as suas ideias sobre Deus e as Escrituras transbordam pelas páginas. São muitas as reflexões teológicas com as quais Lewis compõe seus enredos, personagens e diálogos, demonstrando a maestria do autor em lidar tanto com a teologia quanto com a literatura.

As obras literárias de C. S. Lewis podem ser alocadas dentro da tradição da Teologia Imaginativa, que consiste em obras artísticas que expressam reflexões teológicas sem se preocupar com o racional ou o sistemático (CALDAS FILHO; LIMA, 2020, p. 840). Entretanto, a Teologia Imaginativa não se trata de um fazer teológico em regras ou forma definida, antes, diz respeito ao ensino teológico por meio do lúdico e da

¹³ Mestre em Letras - Universidade Federal do Paraná (2025). Especialista em Teologia e Interpretação Bíblica - Faculdade Batista do Paraná (2018). Graduado em Letras - Português e Inglês - Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (2016). Cursando Teologia pela Faculdade Batista do Paraná. E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com

imaginação do leitor. Logo, diz-se que Lewis faz parte dessa tradição quando ele “pretende veicular suas reflexões pela via da literatura de fantasia” (p. 840).

Isto ocorre, por exemplo, na obra *O regresso do peregrino* (1933), o primeiro livro de Lewis após sua conversão e que pode ser interpretada como uma biografia espiritual e artística. Em determinado momento da obra, a personagem Mãe Kirk conta a história do *Peccatum Adae*, a versão da narrativa da Queda daquele universo.¹⁴ Tal história possui grandes semelhanças com a narrativa de Gênesis 3, todavia, também é possível notar alguns distanciamentos entre o texto bíblico e a versão literária de C. S. Lewis.

Assim, o problema que esta pesquisa pretende responder é: de que maneira Lewis se utiliza da Teologia Imaginativa na história do *Peccatum Adae*? A hipótese trabalhada é que Lewis demonstra que a Teologia Imaginativa é uma maneira válida de ensinar as Escrituras e a Doutrina Bíblica, todavia deve ser utilizada com sabedoria, pois há distanciamentos evidentes nas narrativas.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, com abordagem teológico-literária, centrada na análise comparativa entre o texto de Gênesis 3 e sua releitura em C. S. Lewis.

1. C. S. LEWIS E A DOUTRINA DA QUEDA

C. S. Lewis, em seus escritos teológicos e técnicos, tratou diversas vezes da Doutrina da Queda, trazendo interessantes reflexões sobre a mesma. Em *O problema da dor* (1940), o autor estabelece uma relação muito próxima entre a Queda e o Livre Arbítrio, como é possível analisar a seguir: “o homem agora é um horror para Deus e para si mesmo e uma criatura mal adaptada ao universo, não porque Deus o fez assim, mas porque o próprio ser humano se fez assim pelo mau uso de seu livre-arbítrio” (LEWIS, 2021, p. 91). Na mesma obra, Lewis (2021, p. 93) destaca o fato de os pais da igreja utilizarem demasiadamente a expressão “pecamos ‘em Adão’”, ele ainda comenta que

¹⁴ Não é objetivo deste trabalho se prender nas definições sobre a Doutrina da Queda. Assim, ela é entendida aqui como aquela que estuda e explica os efeitos do pecado de Adão e Eva no capítulo 3 do livro de Gênesis. Louis Berkhof (2012, p. 205) descreve alguns dos principais pontos de tal doutrina: (i) a transgressão como ato voluntário de Adão diante da tentação de Satanás; (ii) a escravidão de Adão diante de seu estado pecaminoso; (iii) a corrupção e a culpa diante de Deus transmitida para todos os descendentes de Adão.

não se deve “descartar sua forma de falar como mera ‘figura de linguagem’”. Todavia, infelizmente o autor não desenvolve essa ideia.

No entanto, a questão mais relevante para os fins deste trabalho está na aproximação de Lewis faz do relato de Gênesis 3 com a linguagem mitológica. O autor comenta que a Queda é uma história “sobre uma maçã mágica do conhecimento”, todavia, a magia desaparece da maçã e a narrativa torna-se apenas sobre desobediência (LEWIS, 2021, p. 100). Ainda nessa linha de pensamento, Lewis (p. 100) classifica tal narrativa como “um ‘mito’ no sentido socrático, um conto nada improvável”. Através dessa classificação, Lewis intenta apresentar a doutrina bíblica por meio da linguagem literária, no sentido de facilitar sua assimilação por, pelo menos, uma parte de seu público. Essas referências à mitologia e linguagem mitológica são retomadas posteriormente no relato do *Peccatum Adae* desenvolvido em *O regresso do peregrino*.

Lewis também trata dessa questão em *Prefácio ao Paraíso Perdido* (1942). Esse escrito de Lewis consiste numa introdução e análise do poema épico de John Milton. Em tal obra, Lewis afirma que a Queda foi um evento capaz de “ocasionar uma profunda e mais ou menos permanente mudança na história do mundo” (LEWIS, 2024, p. 63). Para ele, tal doutrina trata-se de “simplesmente e exclusivamente desobediência – fazer o que lhe foi dito para não fazer; e ela decorre do orgulho – de se achar demasiado importante, esquecer qual o seu lugar, pensar ser Deus” (p. 127). Ou seja, para Lewis, a causa da Queda do homem está na tentação que a serpente faz a Eva quando afirma que, ao comer do fruto, ela será como Deus (Gn 3.5).

Posteriormente, Lewis dedica um capítulo inteiro para comentar sobre a narrativa da Queda de Adão e Eva. Em primeiro lugar, destaca os motivos que levaram à tentação de cada uma das personagens: Eva caiu graças ao orgulho (LEWIS, 2024, p. 208); enquanto Adão, graças à submissão à Eva (p. 210). Após isso, levanta outra questão sobre a especulação do que teria acontecido se Adão não tivesse comido o fruto; ou, na linguagem do autor, se ele “tivesse repreendido e mesmo castigado Eva e então intercedido junto de Deus em favor dela” (p. 211). Lewis afirma que Milton não cogita essa possibilidade em momento algum porque não sabia a resposta (p. 211), e ele também não realiza nenhuma tentativa de explicação.

Por fim, em *Cristianismo puro e simples* (1952), o autor retoma as conexões com o Livre Arbítrio. Não obstante, Lewis (2017, p. 81) responde aos críticos sobre o motivo de Deus conceder o Livre Arbítrio ao homem mesmo sabendo da possibilidade de seu mau uso. Segundo ele, “embora possibilite o mal, também é a única coisa que torna possível todo o amor, toda a bondade e toda a alegria” (p. 81). Não apenas isso, mas, partindo do pressuposto que Deus não desejava criar um mundo de autômatos sem escolhas ou verdadeiras emoções, comenta que, “se Deus acha que esse estado de guerra do universo é um preço que vale a pena parar pelo livre-arbítrio [...], então podemos supor que vale mesmo a pena pagar o preço” (p. 82).

Lewis (2017, p. 83), ainda na mesma obra, também rebate as críticas que relacionam a Queda com o sexo, afirmando que a causa de tal Queda sempre foi a ideia de “ser como deuses” que Satanás plantou na cabeça do primeiro casal. Diante disso, o mesmo ainda conclui que é por este motivo que “o homem decaído não é simplesmente uma criatura imperfeita que necessita de aperfeiçoamento, e sim um rebelde que está precisando abandonar suas armas” (p. 91).

Assim, pode-se concluir alguns pontos sobre o pensamento teológico de Lewis sobre a Queda: 1) ela está diretamente ligada ao Livre Arbítrio; 2) tanto Adão quanto Eva são responsáveis pela Queda; 3) a principal motivação foi o desejo de “ser como deuses” (Gn 3.5); e 4) ele não vê problemas em explicar a doutrina a partir de uma linguagem mitológica. Agora, esse trabalho irá analisar como a doutrina da Queda é representada por Lewis no relato do *Peccatum Adae*, bem como suas aproximações e distanciamentos.

2. O PECCATUM ADAE DE O REGRESSO DO PEREGRINO (1933)

Teologia Imaginativa é uma linha teológica que está em processo de estruturação cujo objetivo é produzir e analisar teologia a partir da literatura e do lúdico. Os trabalhos nessa área aparecem para demonstrar que há caminhos de ensino teológicos que vão além da Teologia Sistemática e demais campos sistematizados da mesma. Particularmente no Brasil, tal área é representada por estudiosos como Caldas Filho e Evane Lima.

Na obra *O regresso do Peregrino* (1933), Lewis apresenta a história de João, um menino que mora em Puritânea e, seguindo o costume de seu país, ao completar certa

idade, recebe a lista de regras do Proprietário, a figura que claramente é a representação de Deus no livro (LEWIS, 2022, p. 31-33). João, no desespero por não conseguir cumprir as regras, deseja fugir do Proprietário e sonha com uma Ilha, que se torna objeto de seu desejo (p. 34, 38). Assim a história gira em torno de João peregrinando em direção a tal Ilha que tanto deseja, até ser informado que ela é o local em que o Proprietário reside (p. 279). Logo, a moral da história é que João, enquanto achava que estava se afastando do Proprietário, na verdade desejava chegar mais perto dele.

Em determinado momento da narrativa, João se depara com um abismo, que o impossibilita de continuar seu caminho: “E viu que aquela estrada seguia direto até a extremidade de um grande abismo e acabava no ar, como se estivesse sido quebrada ao meio” (LEWIS, 2022, p. 124; ver: Rm 3.23). Neste momento, introduz-se na história a personagem da Mãe Kirk, explicando que aquele abismo não estivera sempre ali, mas ele surgiu num momento posterior (p. 126), então, ela começa a contar a história daquele local.

A personagem começa seu relato afirmando que “houve um tempo em que não havia arrendatários neste campo, pois o Proprietário costumava cultivá-lo sozinho” (LEWIS, 2022, p. 127), numa clara referência aos primeiros versos de Gênesis, em que Deus realiza sozinho toda sua obra criadora. Todavia, logo depois, o Proprietário decide arrendar o campo para um jovem casado (p. 127), que é uma referência à criação do primeiro casal e ao que é conhecido, na teologia, como Mandato Cultural:

E Deus disse: — Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra. Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: — Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E Deus disse ainda: — Eis que lhes tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso servirá de alimento para vocês. E para todos os animais da terra, todas as aves dos céus e todos os animais que rastejam sobre a terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes servirá de alimento. E assim aconteceu (Gn 1.26-30, NAA).

No campo em questão, havia um fruto, que crescia numa macieira e é dito que “o Proprietário havia plantado para que ele e seus filhos pudessem se revigorar caso sentissem sede durante o dia enquanto trabalhavam” (LEWIS, 2022, p. 128). Aqui é

interessante notar tanto uma aproximação quanto um distanciamento da narrativa bíblica. A aproximação se dá enquanto também há, no Jardim do Éden, uma árvore especial, a do Conhecimento do Bem e do Mal: “Do solo o Senhor Deus fez brotar todo tipo de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.9, NAA). Todavia, ocorre um distanciamento quando em momento algum é citado que Deus entregava seu fruto para “seus filhos”, ou seja, os anjos.

Apesar de o Proprietário ser aconselhado a arrancar a macieira do campo, o mesmo decide deixá-la naquele local, pois, segundo ele, “se é para aprenderem a ter bom senso, devem aprender desde o início. Se não, não há o que ser feito, pois, se não encontrarem macieiras da montanha na fazenda, em breve a encontrarão em algum outro lugar” (LEWIS, 2022, p. 128-129). Então, o Proprietário deixou a macieira no local, mas “deu-lhes o máximo de explicação que podia e advertiu-lhes que não comessem as maçãs de modo algum” (p. 129). Aqui é possível notar diálogos de Lewis com sua própria teologia sobre o Livre Arbítrio e a Doutrina da Queda e com a Aliança que Deus estabelece com Adão:

E o Senhor Deus ordenou ao homem: — De toda árvore do jardim você pode comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal você não deve comer; porque, no dia em que dela comer, você certamente morrerá (Gn 2.16-17, NAA).

Após estabelecida a aliança com o Proprietário, Mãe Kirk explica que “eles nunca teriam agido de outra forma se a esposa não tivesse feito uma nova amizade” (LEWIS, 2022, p. 129). Ela explica que essa nova amizade era com outro Proprietário de terras, que era um dos filhos do Proprietário original, mas, após brigar com seu pai, se estabeleceu sozinho em outro país (p. 129). As aproximações aqui são claramente com a figura de Satanás e sua descrição bíblica e tradicional. Da mesma maneira que o outro Proprietário fez amizade com a mulher, Satanás se aproxima de Eva por meio da serpente:

Mas a serpente, mais astuta que todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: — É verdade que Deus disse: “Não comam do fruto de nenhuma árvore do jardim”? A mulher respondeu à serpente: — Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Vocês não devem comer dele, nem tocar nele, para que não venham a morrer.” Então a serpente disse à mulher: — É certo que vocês não morrerão. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerem, os olhos de

vocês se abrirão e, como Deus, vocês serão conhecedores do bem e do mal (Gn 3.1-5, NAA).

Enquanto isso, a tradição sobre a origem e queda de Satanás, baseada em textos como Is 14.12-15, Ez 28.12-17 e Lc 10.18, também é evidenciada. Por fim, Mãe Kirk conclui a história da Queda do primeiro casal:

Como eu estava dizendo, o Inimigo conheceu a esposa lavrador e, o que quer que tenha feito ou dito a ela, em pouco tempo ele a convenceu de que o que precisava era de uma boa maçã da montanha. E ela apanhou uma e a comeu. E então, você sabe como são os maridos, ela fez o agricultor mudar de opinião, guiado pelo pensamento dela. E, no momento em que as mãos deles arrancaram o fruto da árvore, houve um terremoto e o campo se rachou por inteiro, de norte a sul, e, desde então, em vez da fazenda, o que existe é esse desfiladeiro, que as pessoas do campo chamam de Grande Canal. Mas, na minha língua, no entanto, o nome dele é *Peccatum Adae* (LEWIS, 2022, p. 130).

Toda a conclusão da narrativa é uma referência ao texto de Gênesis 3.6-24, em que são descritos: 1) o convencimento da mulher para provar o fruto; 2) o oferecimento do fruto para Adão; 3) o ato de se esconderem de Deus; 4) os castigos da desobediência; e a 5) expulsão do jardim. É possível notar como parte dessas questões estão representadas através de elementos lúdicos ao longo da narrativa do *Peccatum Adae*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se inferir que dois dos objetivos da chamada Teologia Imaginativa são: 1) apresentar doutrinas e narrativas bíblicas pelo viés do lúdico e do imaginário; e 2) elucidar as mesmas doutrinas e narrativas através de uma linguagem simples e acessível ao leitor. A Teologia Imaginativa, portanto, não substitui a formulação doutrinária, mas atua como mediação pedagógica que, ao mesmo tempo que ilumina a verdade bíblica, também a reconfigura narrativamente, exigindo discernimento teológico. E é possível notar que a história do *Peccatum Adae* de *O regresso do peregrino* cumpre com essas duas funções.

Lewis possuía conhecimento da narrativa bíblica e um grande arcabouço teológico a respeito da Doutrina da Queda. Assim, seus escritos tratam diversas vezes sobre o tema, demonstrando uma teologia madura, gerada a partir de inúmeras reflexões sobre o mal, a bondade de Deus, o orgulho do homem e, principalmente, o Livre Arbítrio. Então, tanto para explicar seus posicionamentos teológicos, quanto para apresentar a narrativa

da Queda por um viés mais imaginativo, o autor dedica uma parte de sua obra literária em que é possível fazer encontrar as referências principais ao texto bíblico.

Entretanto, a narrativa oferecida por Lewis possui alguns distanciamentos do texto bíblico. Não apenas isso, mas, numa análise que pese mais o viés teológico-confessional, alguns problemas doutrinários também podem ser apontados. Isto ocorre por dois motivos: 1) quanto ao distanciamento do texto bíblico, ele ocorre graças à liberdade poética do autor diante de sua escrita; e 2) quanto ao distanciamento teológico de algumas doutrinas, graças à C. S. Lewis possuir concepções teológicas próprias, que algumas tradições podem considerar como “não-ortodoxas”.

Enfim, a despeito de toda crítica que pode haver sobre a teologia de Lewis ou a maneira como o mesmo escolheu transmiti-la, pode-se chegar a duas conclusões: 1) da perspectiva teológica, que o método da Teologia Imaginativa pode ser um grande suporte para o ensino das Escrituras Sagradas; e 2) da perspectiva literária, que Lewis se utiliza com maestria da narrativa e das temáticas cristãs para enriquecer sua narrativa e embelezar sua obra, demonstrando maestria por parte do autor no que diz respeito ao lidar com as duas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.^a ed. Revisada. Tradução de Antônio Coine. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3.^a ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

CALDAS FILHO, C. R.; LIMA, E. A. S. **A teologia imaginativa de C. S. Lewis**: O sobrinho do mago e a visão lewisiana da criação. *Caminhos*, v. 18, p. 840-858, 2020.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Gregersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino**. Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

LEWIS, C. S. **Prefácio ao paraíso perdido**. Tradução de Guilherme Mazzafera. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.